

CADERNOS ACAIA

CADERNOS ACAIÁ

CONEXÕES



Letra da Cidade



5440



ção



ção da
dos Moradores
a Linha



O que te vem à cabeça com a palavra favela? Os morros cariocas, as construções em madeira, o tráfico de drogas, o caos? As imagens de favela que a maioria das pessoas tem são as criadas pela mídia, as que nos são bombardeadas diariamente pelos jornais e pelas novelas. Uma ideia deturpada de um lugar repleto de agruras e sofrimento, repleto de violência, lixo e drogas. O olhar sobre as favelas foca em suas ausências, (...) no negado e no negativo: inseguro, ilegal, instável, insalubre, indefinido, indiferente, invisível, irregular, informal, alvo de intolerância, indesejável, insustentável, desordenado.

ADRIELE OLIVEIRA¹

Os Barracos-escola são um dos pilares do modelo de ação socioeducativa desenvolvido pelo Instituto Acaia em 25 anos de trabalho com moradores das favelas da Linha e do Nove, e do conjunto habitacional Cingapura Madeirite, na região da Ceagesp, em São Paulo. A instituição recebe crianças e jovens dessas comunidades desde 1997, inicialmente para oficinas de arte, marcenaria, capoeira e outras, e, a partir de 2017, no ateliescola acaia, sua escola gratuita de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Os Barracos-escola nascem de uma tentativa de aproximação: foi para entender as dinâmicas sociais e as questões reais que afetavam os alunos do Acaia e suas famílias que as diretoras Elisa Bracher e Ana Cristina Cintra começaram a visitar as comunidades e a estabelecer laços de confiança com os moradores.

É nesse convívio que surge a ideia de oferecer, dentro dos territórios, algo do trabalho realizado na sede do Acaia, com base em práticas de acolhimento, atenção à saúde, escuta e estímulo ao fazer. Em 2005, a partir da construção de uma praça infantil na favela do Nove, educadores da instituição começam a pôr em prática, em encontros com crianças, mães e outros moradores interessados, um repertório de proposições destinadas a promover autonomia e a expandir perspectivas. O primeiro Barraco-escola surge no ano seguinte, no Nove; em 2009, o trabalho se expande com a compra de um barraco na Linha.

Neste Caderno, educadores da equipe dos Barracos-escola do ateliescola acaia descrevem sua rotina e refletem sobre os princípios norteadores do trabalho. Com exemplos vívidos, contam como fazem uso da prosa e da escuta, do livro e da leitura, da fruição e da produção de cultura, da atenção e do afeto como ferramentas de transformação.

¹ Em *FAVELA – a flor em resistência / o lugar ausente* (Letra da Cidade, 2022).

11 Apresentação

27 Valores e nortes

29 A equipe

32 A rotina

36 Agradavejar

39 Imprevistos

42 Jogos, brincadeiras e faz de conta

46 O bordado

50 Leituras e livros

53 Roda de histórias

55 Saraus

58 Dia de filme e dias de festa

61 Saídas: outros espaços

63 Saúde e cuidado

67 Mutirão da beleza

69 Mutirão de limpeza

71 No limite: violência

74 Racismo

77 Você tem fome de quê?

81 Autores e educadores



APRESENTAÇÃO

Às oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora do uso, digno de estar num quarto de despejo.

CAROLINA MARIA DE JESUS²

No primeiro semestre de 2022, adultos e crianças moradores das favelas da Linha e do Nove, nas cercanias da Ceagesp, liam e discutiam *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, nos Barracos-escola que o Instituto Acaia mantém nas comunidades há quase vinte anos. No livro, lançado originalmente no fim da década de 1960, a autora conta sua vida de miséria e fome na favela do Canindé, uma das primeiras de São Paulo, trabalhando como catadora de papel para sustentar os filhos. Com uma articulação e um repertório que chamam muita atenção, e em um português próprio, autoaprendido – que os editores dos relançamentos recentes de sua obra optaram por manter –, Carolina descreve a gênese do tipo de ajuntamento urbano que, calcado na exclusão e na precariedade, hoje abriga quase 10% da população brasileira.

Instigados pelos educadores que trabalham todos os dias nos Barracos-escola, os dois grupos de frequentadores produziram poemas e reflexões a partir do livro para o sarau que fechou o semestre, em junho. Em rodas de conversa, trabalharam identificando os sentimentos envolvidos na luta pela sobrevivência em uma situação de abandono do Estado, desvantagem social e violência; sentimentos de Carolina, mas também os seus próprios. Os poemas compartilhados nos saraus mostram uma identificação que vai além do óbvio. “O pobre tem cara de fome / mesmo quando come”, escreveu Maria Júlia, de 11 anos, moradora do Nove.

Quarto de despejo ressurgia em um momento tristemente apropriado. Só na última década, o número de favelas e outras formas de moradia e ocupação clandestinas no Brasil mais que dobrou, saltando de 6,3 mil, em 2010, para 13 mil, em 2021. Mais: em meio a uma crise sanitária, econômica e institucional, a fome de que tanto fala Carolina Maria de Jesus estava de volta. Em 2022, metade da população brasileira vivia em situação de insegurança alimentar, e 33 milhões de pessoas passavam fome.³ Em junho,

² *Quarto de despejo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2021.

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/08/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-passam-fome-todo-dia-revela-pesquisa.ghtml>. Acesso em 03/07/2022.



uma manchete publicada pelo jornal *Extra* parecia ressuscitar a escritora mineira perto de outra Ceasa, no subúrbio carioca do Irajá: “‘Só tenho o que comer quando acho no lixo’, conta catadora”.⁴

Ao trazer à tona potências individuais e coletivas importantes, expressas nas ideias e memórias que os moradores “poetisaram” nos sa-raus, o trabalho com *Quarto de despejo* marcou a retomada das atividades diárias dos Barracos-escola, suspensas em 2020 e 2021, os dois anos de pandemia de Covid-19. A escolha do conteúdo e do caminho reafirmava princípios fundamentais do trabalho, como promover acesso à cultura, oferecendo programas de qualidade, abertos a todos, dentro das favelas. Mais que tudo, buscava proporcionar experiências transformadoras – de diálogo, troca e criação – a moradores das duas comunidades, de onde provém a maioria das crianças que frequentam a escola de Ensino Fundamental e Educação Infantil do Instituto Acaia, o ateli-escola acaia, criada em 2017.

Um dos fundamentos do modelo de trabalho socioeducativo do Instituto e da escola, os Barracos têm como foco nutrir o potencial de pessoas que vivem submetidas às duras privações das favelas: condições estruturalmente precárias de moradia, acesso limitado aos serviços públicos, exposição à lei do tráfico e à violência da polícia. Como este Caderno pretende mostrar, é um trabalho de muitas faces. Ao lado do aspecto intelectual e educativo, objeto de atividades de leitura e produção cultural, estimula a brincadeira, a expressão, o movimento e a organização coletiva, e envolve a atenção à saúde física e mental dos frequentadores, com plantões de enfermagem, mutirões de beleza e limpeza, orientação sobre hábitos de higiene e apoio psicológico. Tem, ainda, um lado assistencial: funcionando de segunda a sexta-feira nas duas comunidades, fornece 750 refeições por mês, além de 40 mil sacos de lixo, que já ajudaram a reduzir à metade o acúmulo de detrito nas vielas.

CRIANÇAS BRINCAM NA PRAÇA ABERTA PELO ACAIA NA FAVELA DO NOVE. O ESPAÇO ABRIGOU OS PRIMEIROS ENCONTROS ENTRE SEUS EDUCADORES E OS MORADORES DA COMUNIDADE, QUE SERIAM A BASE DO TRABALHO DOS BARRACOS-ESCOLA.

4 Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/fome-no-rio-so-tenho-que-comer-quando-acho-no-lixo-conta-catadora-25532290.html>. Acesso em 03/07/2022.